

Introdução

Parece-nos que a questão de maior relevo na atualidade é uma questão eminentemente ética. Ela se apresenta como busca das razões de viver, ou seja, como busca radical do sentido da existência humana. A questão ética, portanto, se apresenta como a questão de todos nós. Desta forma, dos grandes temas da ética nenhuma inteligência pode se esquivar. É em torno dessa grande e radical questão que Lima Vaz vai construir grande parte de seus *‘Escritos de Filosofia’*. Nos seus escritos, Lima Vaz apresenta um pensamento que proclama a necessidade de uma reflexão sobre os fundamentos da ética como etapa necessária para a busca de soluções dos problemas éticos da humanidade. Busca essa que vai contra a pura manipulação técnica da realidade que acaba por nos deixar sem outra regra senão os fins imediatos da utilidade e da satisfação das necessidades. E que, em última instância, deixa ao agir humano apenas o vagar errante no “espaço anômico do niilismo”.

Ora, é mergulhado nesse oceano que é o pensamento ético-filosófico de Lima Vaz que pretendemos construir nossa dissertação. Sem dúvida, frente a essa construção imponente que se nos apresenta, o nosso intuito é modesto. Pretendemos recortar um campo valioso do pensamento de Lima Vaz que é o da ‘intersubjetividade ética’. Para isso pretendemos nos guiar pela seguinte questão: qual o lugar e como está estruturada a problemática da intersubjetividade no pensamento ético de Lima Vaz? Fazemos essa escolha porque percebemos seu valor como questão filosófica a ser, diligentemente, investigada e discutida, como questão fundamental para a compreensão dos graves e insistentes problemas éticos que afligem a humanidade.

A questão da intersubjetividade no pensamento ético contemporâneo tem sido abordada por vários pensadores¹. Charles Taylor chega mesmo a dizer que a grande questão do nosso nascente século será, propriamente, a de compreender o

¹ Poderíamos aqui enumerar vários pensadores que trabalham a questão ética da intersubjetividade sob várias perspectivas em suas obras. A título de exemplo lembramos de A. MacIntyre e a questão do retorno às tradições morais de pesquisa racional; a ética da alteridade em E. Lévinas e P. Ricoeur; J. Rawls e a teoria ético-política da justiça; a ética do discurso em K-O. Apel e em J. Habermas; H. Jonas e o princípio da responsabilidade; a ética intencionalista-teleológica de V. Hösle, etc.

outro². Dentre as inúmeras e variadas abordagens, acreditamos que a proposta de Lima Vaz possui a rara virtude de buscar compreender as partes no todo, isto é, de construir uma sistematização ética que leve em conta os vários momentos que compõem e estruturam as nossas relações com os outros no mundo. Aqui, propriamente, não iremos investigar exaustivamente as categorias que vão surgindo no ato de compreender a questão da intersubjetividade. Também, não iremos abordar os problemas enfrentados pela humanidade atualmente, a partir do viés filosófico. O que nos propomos a fazer é, especificamente, delimitar o campo filosófico da intersubjetividade ética, isto é, reconhecer as categorias que compõem a arquitetura da ética (no que diz respeito a intersubjetividade) e suas articulações com o todo. Desta forma, categorias como ‘comunidade ética’, ‘justiça’, ‘reconhecimento’, ‘consenso’, etc, terão suas elucidações na medida mesma em que forem ‘encaixando-se’ dentro da arquitetura das nossas relações éticas com os outros no mundo.

Pretendemos construir nossa dissertação num constante diálogo com o pensamento filosófico de Lima Vaz e não apenas com seus escritos sobre ética. Isto se faz necessário pela própria característica do pensamento de Lima Vaz, a saber, um pensamento sistemático onde todas as investigações se encaixam perfeitamente como num grande quebra-cabeças. Desta forma, nossa principal fonte de investigação será os próprios textos de Lima Vaz, a saber, seus “*Escritos de Filosofia*” (EF), e seus artigos, editoriais, notas bibliográficas e resenhas publicados principalmente na ‘Revista de Filosofia Síntese’, da qual nosso autor foi por longos anos editor. Por esse motivo resolvemos seguir o seguinte itinerário que, acreditamos, possa ajudar-nos a entrar, paulatinamente, no universo filosófico de Lima Vaz:

1. Nessa mesma introdução buscaremos situar as grandes questões que afligem nosso tempo e exigem o pensar eticamente a categoria de intersubjetividade. Essas questões não serão por nos desenvolvidas. Elas servirão de marco referencial a apontar as vicissitudes da vida humana e seus desafios constantes. Servirão também para nos lembrar

² Taylor, Charles – *A distorção objetiva das culturas*, in: Folha de São Paulo – Caderno Mais, p.14; domingo, 11 de agosto de 2002.

que as reflexões filosóficas que faremos não são meras abstrações inócuas, mas tentativas de respostas, no seu nível mais profundo, ou seja, filosófico, para os males que insistem em afligir a humanidade. Faremos, ainda, uma rápida apresentação da vida de Lima Vaz e de seu itinerário filosófico.

2. Na primeira parte de nossa reflexão buscaremos construir os principais temas estudados por Lima Vaz que se entrecruzam na tentativa de compreensão da categoria ética de intersubjetividade. Propriamente estudaremos a questão do *ethos*, da cultura e da razão.
3. Na segunda parte, pretendemos abordar a questão da intersubjetividade. Primeiramente buscaremos articular os invariantes filosóficos presentes na construção da ‘comunidade ética’. Num segundo momento, buscaremos compreender como se dá a plena realização da comunidade ética na categoria de ‘justiça’.
4. Finalmente, concluiremos nossa dissertação apresentando os principais pontos descobertos em nossa pesquisa, seus questionamentos e suas descobertas, bem como parte do caminho que nos é aberto para outras investigações futuras.

Por fim, cabe aqui uma defesa da nossa intenção ao redigir esta dissertação. As epígrafes que escolhemos denotam nossa intenção original³, seja no conteúdo, seja na forma. Com efeito, desejamos construir uma dissertação que busque compreender as partes no todo e que tenha um olhar atento e atencioso à realidade social em que vivemos. Faremos isso apoiados no pensamento de Lima Vaz. Ora, o estudo de um filósofo e de sua filosofia, acreditamos, pode ser conduzido de duas maneiras: ou se lhe apõe, não necessariamente se lhe opõe, uma outra filosofia, ou se compreende *juxta propria principia*. O primeiro itinerário é certamente o mais freqüente e nem sempre é o mais fácil. Porque, se em filosofia o que se busca é sempre o mesmo, os caminhos para alcançá-lo são tantos quantos os que se põe a caminhar. O segundo itinerário, não é necessariamente mais fácil do que o primeiro e nem menos filosófico, mas talvez menos atraente para os

³ Lembramos aqui as epígrafes: (1) “Numa sociedade como a do Brasil atual, estou convencido de que a vocação do filósofo vem carregada com uma enorme responsabilidade social”. – H. C. de Lima Vaz; (2) “Quem é capaz de ver o todo, é filósofo; quem não é capaz, não o é”. – Platão.

filósofos que, por força do seu próprio pensar, são sempre críticos para com os outros filósofos.

Aqui escolhemos a tarefa de compreender Lima Vaz *juxta propria principia*. Isto, certamente, exige uma sintonia, muitas vezes simpatia, que só podem ser alcançadas quando não consideramos o nosso falar mais importante do que o pensar e o ouvir. Não que não queiramos falar, mas percebemos que ainda não podemos expressar, no domínio sobre nós mesmos e no indubitável interesse pelo bem comum, o seu efeito indefectível, para dizer como Kant⁴, que era exigido pelos antigos aos pretendentes ao nobre título de filósofo. Desta forma, tendo escolhido compreender Lima Vaz por ele mesmo, a única pretensão que ousamos alimentar ao expor os resultados de nossas leituras é a de apresentar discursiva e sistematicamente a questão da intersubjetividade em Lima Vaz. Deixar que Lima Vaz fale, por vezes continuar sua fala, falar com ele, levantar objeções, buscar com nosso autor responde-las, eis a nossa tarefa. Portanto, é mister agora iniciar, diligentemente, nosso trabalho.

1. Desafios éticos presentes no horizonte da Modernidade ou por que pensar a questão da intersubjetividade ética?

Podemos perceber na civilização ocidental moderna, primeira que caminha em direção a uma universalidade, uma crise de sentido que se apresenta, numa de suas vertentes, como uma crise ética. Essa crise se estrutura no cerne mesmo da vida humana assim como a concebemos, atacando principalmente nossas razões de

⁴ Diz Kant: "... não seria também nocivo atemorizar a presunção daquele que se atrevesse a pretender o título de filósofo, apresentando-lhe logo, na própria definição [da filosofia], a medida de sua estimativa real, o que rebaixaria em muito as suas pretensões; é que ser *um mestre em sabedoria* deve significar sempre um pouco mais do que a condição de discípulo que ainda não chegou bastante longe para dirigir-se a si mesmo e, muito menos, aos outros, com a esperança segura de conseguir um fim tão elevado; significaria um *mestre no conhecimento da sabedoria*, o que indica mais do que um homem modesto possa atribuir-se a si mesmo, continuando sempre a filosofia, como a própria sabedoria, na posição de um ideal que objetivamente, só na razão, é completamente representado, mas, para o indivíduo, constitui apenas o objeto do seu esforço constante. Proclamar que está na posse disso tudo e inculcar-se o nome de filósofo é situação a que só tem direito aquele que também pode apresentar como exemplo em sua pessoa o efeito indefectível do mesmo (o domínio de si próprio e o interesse indubitável que, preferentemente, vem a tomar no bem comum); é isso, também, que os antigos exigiam para que se pudesse merecer

viver e os fins capazes de dar sentido à vida humana. Por isso, a “codificação racional de um ethos que se supõe vivido pela comunidade ou que esta se propõe viver⁵”, isto é, a ética, encontra grandes desafios para se fazer presente em vários níveis de nossa sociedade. Essa dificuldade vem, principalmente, de dois grandes desafios atuais, a saber, a problemática do niilismo e a de uma possível fundamentação ética universalmente válida⁶, para uma civilização que se quer universal. A bem da verdade, encontramos hoje uma profusão de racionalidades⁷ circulando no espaço gravitacional da modernidade que, assim como entendemos, parecem não dar conta desta difícil tarefa de fundamentação.

Qualquer observador mais atento perceberá que em nossa sociedade existe uma verdadeira enxurrada de significados do termo ‘ética’. O grande mal disto é que, lançados no jargão da mídia, os indivíduos acabam por usar o termo sem nenhum rigor, sendo que, muitas vezes, acabam subtraindo do termo ‘ética’ seu verdadeiro significado, deixando-o ligado a algum tipo de sentimentalismo inócuo que, na realidade, acaba por não significar coisa alguma⁸.

Assim, nossa civilização se mostra impotente para formular uma ética correspondente às suas práticas culturais e políticas e aos fins universais por ela proclamados. Isto, certamente, é efeito de uma civilização que se universaliza apenas por sua base material, deixando-nos órfãos para questões como: como superar a ameaça de uma sociedade sem ética? Como organizar o espaço político, espaço humano por excelência, de vivências das liberdades através de leis justas? Como construir comunidades éticas que vivam na justiça e, conseqüentemente, sejam sociedades democráticas? Como fazer com que o vertiginoso crescimento da tecnociência possa ser colocado a favor do bem-comum e não apenas de uma minoria? Como não permitir que a categoria de útil torne-se a categoria primeira e exclusiva da prática social?

aquele honroso nome [de filósofo]”. Kant, E. – *Crítica da Razão Prática*, (Trad. Afonso Bertagnoli), São Paulo: Brasil Ed. (1959), p.173-174.

⁵ EF III, p.125.

⁶ Aqui é importante ressaltar que alguns pensadores, como M. Foucault por exemplo, vêem na procura de uma moral de validade universal a utopia de uma sociedade livre de conflitos. Para M. Foucault, a procura de uma moral de validade universal lhe parece ‘catastrófica’. (Michel Foucault, *Lê retour de la morale*, in: Dits et écrits IV, Paris: Gallimard, 1994, p.706)

⁷ Lima Vaz, H. C. – *Ética e Razão Moderna*, Síntese, n.68 (1995), p.55-84.

⁸ MF, p.9.

Facilmente podemos perceber em nosso momento histórico atual que, com o fim das grandes ideologias que legitimavam um tipo de sociedade e de estado, e também com os novos desafios científicos-tecnológicos e econômicos-políticos próprios dos tempos em que vivemos, há um forte ressurgimento da temática ética. Concomitantemente, a problemática da intersubjetividade ética aparece aqui em primeiríssimo plano, ou seja, urge pensar filosoficamente as relações éticas entre os seres humanos. Portanto, pela primeira vez na história do gênero humano, “os homens encontram-se diante do desafio de assumir, em escala mundial, a responsabilidade pelos efeitos presentes e futuros de suas ações⁹”. Acreditamos que esses desafios solicitam um repensar a problemática da intersubjetividade ética, ou seja, dar uma resposta filosófica que contribua com marcos referenciais para a construção de uma comunidade ética, apoiada na justiça. Mas, quais serão estes marcos referenciais, ou melhor, estes invariantes conceituais que nos permitirão construir uma comunidade ética? Como eles nos apontarão os caminhos para a justiça entre as pessoas e nas instituições? Acreditamos que será a partir dessa reflexão que conseguiremos enfrentar o problema da responsabilidade ético-política de ações a nível planetário, de uma ética da solidariedade universal, de uma ética na ciência, na economia, no direito, etc.

Enfrentar todos estes desafios e outros mais se torna extremamente difícil atualmente. Provavelmente, uma das razões desta dificuldade é o fato, muito estudado na atualidade, de que vivemos num niilismo ético¹⁰ ou ao menos num

⁹ Herrero, X. – *Desafios éticos do Mundo Contemporâneo*, Síntese, n.84 (1999), p.6.

¹⁰ Podemos perceber que a modernidade é marcada fortemente pelo niilismo ético. Será Nietzsche quem nos dará uma perspicaz análise do niilismo como falta de finalidade, como ausência de todo para quê, como desvalorização dos valores supremos. Lima Vaz irá encontrar no niilismo ético a ruptura entre *ethos* e tradição (EF II, p.21), bem como o esquecimento ou desvanecimento da distinção entre *poiésis* e *práxis*. Toda a sua construção ética buscará resgatar as relações entre *ethos* e tradição, e a distinção entre *poiésis* e *práxis*. Desta forma, se o niilismo se apresenta como desvalorização dos valores supremos, ele irá ser, propriamente, produto de uma tríplice ruptura: (1) Uma ruptura com a estrutura axiológica e normativa do *ethos*, que organiza teleologicamente as estruturas objetivas da sociedade; (2) Uma ruptura com a tradição pela primazia do futuro na concepção do tempo na modernidade; (3) Uma ruptura com o fundamento transcendente das normas e dos fins da ação humana, pela imanentização do sentido e do fundamento do valor na razão finita e na liberdade situada.

Dentro dessa concepção moderna, a construção ética de Th. Hobbes (EF IV, p. 293-311) é paradigmática. Isto porque, é uma ética fundada na afirmação de um princípio rigorosamente egoísta e utilitarista. Descarta todo princípio teleológico e transcendente. Afirma que a soberania pertence essencialmente ao universo profano e a essência da política não pertence ao céu, mas à terra.

Assim, as raízes da modernidade e do niilismo coincidem. Elas terão suas origens no abandono de uma concepção teleológica da vida humana. Conseqüentemente, teremos uma sociedade que se

relativismo generalizado de valores. Conseqüentemente, o homem muitas vezes é visto como um indivíduo isolado, atomístico, marcado apenas pelos inúmeros interesses e impulsos que precisam ser satisfeitos. Ora, para satisfazer estes mesmos impulsos, nossa sociedade tende a legitimar-se utilitariamente. Assim, perde-se toda a dimensão ética da realização de uma vida mais justa. Também, a dimensão intersubjetiva de reconhecimento e consenso e, cada vez mais, a dimensão comunitária, tende a ser substituída pela preocupação exacerbada com a própria autorealização e com o prazer individual, a parte qualquer necessidade comunitária que é terminantemente colocada em segundo plano. Parece-nos que no plano político, contra este possível diagnóstico, cada vez mais a sociedade toma consciência de que a falta de quaisquer princípios éticos se traduz em corrupção generalizada que deve ser, diligentemente, combatida¹¹. Portanto, o ser humano e sua liberdade, perdem a sua dignidade, a razão de ser e de viver, quando a ética deixa de ser o marco constitutivo de sua atividade e convivência com os outros no mundo.

Todos esses problemas éticos se apresentam para nós como situações em que urge uma reflexão mais profunda, ou seja, filosófica. E, também, uma conseqüente ação em vista da efetiva solução de problemas que, em nossa situação atual são verdadeiras vergonhas ético-políticas¹² como, por exemplo:

apresenta mais como um conjunto artificial de indivíduos isolados. Uma sociedade regida pelo imperativo da maximização dos prazeres e pela minimização das responsabilidades para com o conjunto da sociedade. Uma sociedade onde a competição é a sua principal forma de organização e onde a regra de ouro é a de levar vantagem em tudo. Uma sociedade marcada pela máxima da simples utilidade e pela satisfação inegociável das necessidades, levando-nos ao, para falar como Hegel, ‘reino do mau infinito’. (EF VII, p. 11-30 e 269-286)

O desafio que aqui podemos perceber será o de construir um modo de vida em sociedade no qual as relações intersubjetivas de reconhecimento e consenso tenham a primazia. Também será o de restaurar uma comunidade ética que possua como elemento articulador invariantes conceituais que não estão presos à simples satisfação das necessidades individuais, mas dirigidos, primordialmente, ao bem comum.

Lima Vaz construirá suas reflexões, então, a partir de uma “retomada da primeira revolução antropológica da nossa tradição da descoberta socrática da *psyché*, como dimensão da interioridade humana portadora do *logos*, capaz de abrir-se à universalidade do bem para se tornar sede da virtude e princípio interior da vida justa”. [Perine, Marcelo – *Ética e Sociedade. Razão teórica versus razão técnica*, Síntese, n.93 (2002), p.68] Essa retomada servirá, principalmente, para a construção de uma ‘educação ética’, pois, “o mundo ético não é uma dádiva da natureza. É uma dura conquista da civilização”. [Lima Vaz, H. C. – *Ética e justiça: Filosofia do agir humano*, Síntese, n.75 (1996), p.451].

¹¹ Mac Dowell, João – *Ética e Política: urgência e limites*, Síntese, n.48 (1990), p.7-34.

- (a) A fome e a miséria que conduz, em muitas partes do mundo, à inanição e à morte um grande número de seres humanos, especialmente nos primeiros anos de vida.
- (b) A negação dos direitos humanos, a tortura, a violação da dignidade humana, sobretudo em estados despóticos.
- (c) O desemprego, a falta de condições dignas de trabalho, a exploração do trabalho infantil e a crescente disparidade na distribuição de rendas e riquezas.
- (d) As diferentes e contínuas formas de discriminação, bem como as denúncias de violência contra as mulheres em nossa sociedade secularmente androcêntrica.
- (e) A discriminação e o esquecimento das minorias étnicas, de raça, de sexo, de dissidentes de regimes, etc.
- (f) A questão ecológica¹³ que, com o projeto moderno de dominação da natureza pelo homem levará, da maneira como ele tem sido implantado, em última análise, à catástrofe da própria destruição da humanidade.
- (g) A ameaça de destruição da humanidade pelo perigo, ainda não totalmente superado, de uma guerra nuclear, ou mesmo de guerras químicas e bacteriológicas.

Tudo isto exige de nós uma resposta solidária. Resposta que nos tornará responsáveis pelas conseqüências de nossas ações a nível planetário. Exige também um esclarecimento de toda a problemática da intersubjetividade ética, especialmente na análise filosófica de categorias como reconhecimento ético, consenso, responsabilidade ética, comunidade ética, justiça, direitos humanos, etc.

Ao resgatarmos essa memória dos desafios éticos a serem enfrentados pela humanidade, vale lembrar que para Lima Vaz, o cerne dessas questões, ou seja, o grande desafio da filosofia atualmente está em encontrar a compatibilidade entre as diferenças e criar uma moral universal. Assim, a busca de fundamentos filosóficos da problemática da intersubjetividade será uma das questões a serem resolvidas para que possamos enfrentar os desafios atuais e futuros, por nós

¹² Herrero, X. – *Ibidem*, p.11.

¹³ Siqueira, Josafá Carlos de – *Ética e Meio Ambiente* (2. Edição), Loyola: São Paulo, 2002.

anteriormente ressaltados. Esta questão, para Lima Vaz, só poderá ser verdadeiramente enfrentada por um pensamento que seja filosófico. Isto porque, o surgimento da filosofia, como nos ensina Hegel, é marcado por uma ruptura, por uma cisão interna de uma sociedade cujos valores e representações se tornam questionáveis e que, por isso mesmo, não consegue mais viver a vida em sua imediatidade¹⁴. Ora, este é o retrato do nosso tempo e é nele que a filosofia encontra sua tarefa, das mais nobres, a realizar.

É importante ressaltarmos aqui que, para Lima Vaz, não é o ser humano um ser já pronto, ou seja, o ser humano experimenta sua própria realidade como tarefa a ser executada por ele mesmo, no mundo, com os outros. Desta forma, o ser humano está em luta constante pelo sentido. Assim, ele pode dar razão à sua vida, de ser constitucionalmente intersubjetivo, ou pode deixar de realizar-se, já que o homem tem a possibilidade de negar a alteridade do outro, reduzindo-o a coisa¹⁵.

Portanto, todo o programa ético-filosófico de Lima Vaz é, propriamente, uma *Paidéia*, isto é, um programa de ‘educação ética’. A arquitetônica ética de Lima Vaz, ao se fazer um programa de educação ética visa uma profunda transformação interior dos indivíduos. Transformação dos interesses particulares e contingentes em interesses racionais, onde, antes de nos obrigar ao que é correto fazer, a reflexão dos invariantes conceituais da ética nos indica (a partir de uma determinada ontologia do humano¹⁶) o que é bom ser.

¹⁴ Lima Vaz, H. C. – *Morte e Vida da Filosofia*, Síntese, n.55 (1991), p.241-254.

¹⁵ EF VI, “*O Absoluto e a História*”, p.299-340.

¹⁶ Essa ontologia do humano, evidentemente, se faz presente em toda obra de Lima Vaz, mas de maneira especial na sua brilhante ‘Antropologia Filosófica’.

2. Uma vida dedicada à Filosofia: P. Henrique Cláudio de Lima Vaz, sj.¹⁷

Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz nasceu em Ouro Preto (MG) em 24 de agosto de 1921. Entrou para a Companhia de Jesus em 28 de março de 1938. Fez seus estudos filosóficos no antigo escolasticado dos jesuítas em Nova Friburgo (RJ). Terminado seu curso de filosofia¹⁸ foi enviado a Roma em 1945 para estudar teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana onde concluiu o curso de licença com uma dissertação intitulada “*O problema da beatitude em Aristóteles e Santo Tomás*”. Ordenado sacerdote em 15 de julho de 1948 foi completar sua formação religiosa em Gandia, na Espanha. Voltando a Roma, obteve em 1953 o doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana com a tese “*De dialectica et Contemplatione in Platonis Dialogis*”, que versou sobre a dialética e a intuição nos diálogos platônicos da maturidade. Voltando ao Brasil aqui permaneceu até a sua morte, numa vida recolhida, simples, sem ostentação, impondo-se um ritmo de trabalho disciplinado e austero.

Lima Vaz trabalhou no magistério filosófico universitário durante quase 50 anos. Primeiro na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus em Nova Friburgo - RJ (1953-1963), que depois foi transferida para o Rio de Janeiro - RJ (1975-1981)

¹⁷ Mac Dowell, João (org.) – *Saber Filosófico, História e Transcendência*, São Paulo: Loyola (2002).

Palácio, Carlos (org.) – *Cristianismo e História*, São Paulo: Loyola (1982).

Cruz, Pedro Cunha - *Antropologia e Razão Moderna no Pensamento de Lima Vaz*, Roma: Pontifícia Università di Santa Croce (1997), p.19-30.

Nobre, Marcos e Rego, José Marcio – *Conversa com Filósofos Brasileiros*, São Paulo: Editora 34 (2000).

Revista de Filosofia Síntese, n.55 – Out/Dez. 1991.

Drawin, Carlos Roberto – *Henrique Vaz e a opção metafísica*, Síntese, n.94 (2002), p.157-169.

Barile, João Pombo – *O mundo das idéias do Padre Vaz (entrevista)*, Jornal ‘O Tempo’- Caderno ‘Engenho e Arte’ – Belo Horizonte, domingo, 13 de agosto de 1997.

De Paula, João Antonio – *A dignidade da Razão*, Rev. Ciência Hoje – n.146, vol.25 (Jan/Fev – 1999), p.68-73.

Teixeira, Faustino – *O vigor de um humanista*, Jornal de Opinião, n.680, Belo Horizonte, 10/06/2002, p.7.

Barros, José Tavares de – *Ao mestre com carinho*, Jornal de Opinião, n.680, Belo Horizonte, 17/06/2002, p.8.

.. Konder, Leandro – *Filosofia Brasileira*, Jornal do Brasil, Caderno B, p.8 – Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2002.

¹⁸ Segundo o próprio Lima Vaz seu trabalho final do curso de filosofia foi: “*De ratione existentiae dei probandae in dynamismo intellectuali Pe. Marechal*”. E sua dissertação para a licença foi: “*A afirmação do ser no limiar da Metafísica*”. [Lima Vaz, H. C. – *Bio-bibliografia*, in: Palácio, C. – *Cristianismo e História*, São Paulo: Loyola (1982), p.415-425.]

e, novamente transferida para Belo Horizonte - MG (1982-2002). Mas também nos cursos do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG de 1964 a 1986, da qual recebeu em 2001, o título de Professor Emérito.

Nos anos 60 tornou-se mentor da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Ação Popular, na sua primeira fase. Num cenário agitado e confuso como o da época, os artigos de Lima Vaz “tiveram o impacto de uma lufada de ar puro sobre uma geração cristã, que se sentia asfíxiada por uma tradição religiosa alheia aos desafios políticos e culturais do seu tempo¹⁹”. Lima Vaz soube como ninguém oferecer uma análise crítica do pensamento marxiano numa atitude intelectual firme e aberta ao debate, criticando todo reducionismo intra-histórico pelo chamado à transcendência, mas, ao mesmo tempo, questionando a posição tradicional a partir do pensamento dialético.

Para Lima Vaz, religião e fé não eram algo extrínseco com o qual se relacionava: nelas vivia e delas se alimentava espiritualmente²⁰. Por isso ele afirmava não experimentar conflitos interiores a respeito da compatibilidade entre suas convicções religiosas e sua vocação de filósofo. Desde o início deixou-se guiar pela diretriz de Santo Agostinho: “crê para entenderes e entende para creres”. Desta forma, seu trabalho filosófico manteve-se rigorosamente dentro das exigências metódicas e doutrinárias da razão. E, todas as vezes que atingia as fronteiras onde a razão se encontra com a fé essa linha divisória era explicitamente traçada.

Um erudito, Lima Vaz possuía uma sólida e vasta cultura científica e humanística, bem como um invejável conhecimento filosófico de todo o pensamento ocidental. Vinculado fundamentalmente à Metafísica clássica, possuía um vivo interesse pelo pensamento moderno e seus principais representantes, deixando-se seriamente questionar pela modernidade. Grande destaque deve ser dado, também, ao seu profundo conhecimento da obra de Hegel.

¹⁹ Mondoni, Danilo – *In Memoriam*, Síntese, n.94 (2002), p.150.

²⁰ Nobre, Marcos e Rego, José Marcio – *Conversa com Filósofos Brasileiros*, São Paulo: Editora 34, 2000, p.41.

Nos seus últimos trabalhos buscou analisar a realidade sócio-cultural contemporânea e a crise da modernidade sob os aspectos filosóficos, éticos, políticos e religiosos. Nestas suas investigações, tomou posição no debate de idéias a respeito do sentido transcendente da existência humana e dos rumos de nossa civilização.

Sua síntese filosófica pessoal apoiava-se em três grandes influências: Platão, Tomás de Aquino e Hegel. Mas, seu autor predileto é, sem dúvida, Tomás de Aquino. Lima Vaz via na obra de Tomás de Aquino, especialmente na sua metafísica, tal profundidade, lucidez e equilíbrio nas questões fundamentais que, ainda hoje, suas intuições são, segundo Lima Vaz, capazes de fecundar a reflexão.

Finalmente, nesta união fecunda de elementos antigos, como a metafísica de Tomás de Aquino, e perspectivas renovadoras, com ênfase na dialética hegeliana, Lima Vaz colocava-se em busca de uma vida ética, onde fosse possível a realização da humanidade na liberdade, na verdade, na beleza e na justiça.

Lima Vaz veio a falecer em Belo Horizonte no dia 23 de Maio de 2002, devido a complicações pós-operatórias.

3. As várias fases do pensamento de Lima Vaz:

(1) O Caminho da Tradição: tempo de sua formação filosófica.

- Estudo da Ontologia Clássica: Platão, Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino.
- Principal investigação (Perspectiva Ontológica e Metafísica): Investigando o problema da possibilidade de uma ciência do ser e de uma justificação do absoluto portador do predicado de transcendente.

(2) O Encontro com o Criticismo Moderno e com o Personalismo:

- Contato e estudo da ciência moderna: Galileu, Descartes, Spinoza e Kant.

- Estudo da obra de J. Maréchal que buscava uma síntese entre o tomismo e o método transcendental de Kant.
 - Descoberta de uma nova racionalidade diferente da racionalidade teleológica da ontologia clássica. Descobrimento, então, de duas racionalidades distintas e possíveis: a nomotética e a hipotético-dedutiva.
 - Leitura das obras de E. Mounier (*Revista Esprit* - Personalismo). Lima Vaz vê o personalismo como o primeiro instrumento de leitura do mundo moderno nos seus aspectos políticos e sociais que lhe abre a uma temática que sua formação escolástica desconhecia.
 - Também, nesta mesma época, Lima Vaz se dedica à meditação e resumo, página por página, do difícil e denso texto de M. Blondel: *L'action*.
- (3) Terceiro tipo de racionalidade: a dialética de Hegel (tempo de seu magistério na UFMG)
- Descoberta de Hegel que transcreve a universalidade nomotética na moderna metafísica da subjetividade.
 - Confronto com o pensamento de Marx.
- (4) Estudo da Contemporaneidade: a crise da modernidade.
- Necessidade de uma releitura da ontologia clássica. Primeiro Platão e Aristóteles, e finalmente, Tomás de Aquino.
 - Busca de um reencontro, ou seja, de uma suprassunção dialética, da tradição no coração da contemporaneidade.

Nos seus últimos escritos Lima Vaz busca “recuperar a idéia de sistema no sentido da articulação ordenada do pensamento, sem a qual não há leitura coerente da realidade, e a filosofia se esvai em gratuitos jogos de linguagem²¹”. A partir desta idéia de sistema Lima Vaz constrói, principalmente, sua Antropologia Filosófica e sua Ética Filosófica.

²¹ Lima Vaz, H. C. – *Morte e Vida da Filosofia*, Síntese, n.55 (1991), p.689-690.

Seu último livro, “*Raízes da Modernidade*”²² (EF VIII)”, propõe para o nosso tempo, tempo de incertezas e de renovadas articulações, o humanismo teocêntrico²³ como itinerário para a realização plena do ser humano em sua existência pessoal e social.

²² Landim Filho, Raul – *Entre a razão e a fé*, Folha de São Paulo – Jornal de Resenhas, sábado, 14 de setembro de 2002, p.6.

²³ Com efeito, a proposta de um humanismo teocêntrico quer buscar responder às questões fundamentais que caracterizam o percurso da existência humana e que têm sua fonte naquela exigência de sentido que, desde sempre, urge no coração humano. Esta busca de Lima Vaz, busca de toda uma vida, encontra eco na encíclica de João Paulo II ‘*Fides et Ratio*’ de 1998. Diz João Paulo II: “A todos peço para se debruçarem profundamente sobre o homem, que Cristo salvou no mistério do seu amor, e sobre a sua busca constante da verdade e de sentido. Iludindo-o, vários sistemas filosóficos convenceram-no de que ele é senhor absoluto de si mesmo, que pode decidir autonomamente sobre o seu destino e o seu futuro, confiando apenas em si próprio e nas suas forças. Ora, esta nunca poderá ser a grandeza do homem. Para a sua realização, será determinante apenas a opção de viver na verdade, construindo a própria casa à sombra da sabedoria e nela habitando. Só neste horizonte da verdade poderá compreender, com toda clareza, a sua liberdade e o seu chamamento ao amor e ao conhecimento de Deus como suprema realização de si mesmo”. [João Paulo II, *Carta apostólica Fides et Ratio*, São Paulo: Loyola, 1998, § 107].